



**ST5. HISTÓRIA E IMPRENSA A CULTURA E A POLITICA NO BRASIL DO SÉCULO XX**

245

**A MULHER NAS PÁGINAS DA MODERNIDADE: A REVISTA “O CRUZEIRO” E A PRODUÇÃO DA “MULHER MODERNA”**

*Andrea Cristina Marques<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nesta comunicação proponho problematizar a construção das identidades femininas nos anos de 1950 e 60 a partir da revista “O cruzeiro”, artefato cultural que circulou por todo o Brasil durante 46 anos, construindo a imagem de um país moderno, assim como de uma “mulher moderna”. A “mulher moderna” nas suas páginas foi produzida a partir de discursos que prescritos pelas colunas femininas criou a imagem da “mulher ideal”, contribuindo para que se mantivesse a identidade feminina tradicional, dedicada exclusivamente ao lar, ao esposo e à maternidade. Nesse sentido, a revista “O cruzeiro” se mostrou fonte riquíssima para a análise das identidades femininas construídas nesse período por seu discurso, que tentava dar continuidade ao modelo de mulher mais vigente na sociedade dos anos 50 e 60 no Brasil.

**Palavras-chave:** Imprensa. Mulher Moderna. O Cruzeiro.

A revista “O cruzeiro”, também chamada, na época de seu lançamento, em 5 de Dezembro de 1928, no Rio de Janeiro, de “A revista contemporânea dos arranha-céus”, foi uma produção do empresário Assis Chateaubriand, que demonstrava em seu slogan ser símbolo do moderno, na época, sendo um dos mais importantes meios de comunicação de meados do século XX no Brasil (BLUMBERG, 2013). Com “O cruzeiro”, nascia um periódico que pretendia revolucionar a maneira de fazer revista no país. Em torno de metade de suas páginas eram dedicadas a assuntos relativos ao imaginário feminino, não compondo somente um perfil feminino, porém, vários perfis. Dessa maneira, a revista “O Cruzeiro”, enquanto veículo de comunicação, chegou com o propósito de provocar mudanças, a exemplo de sua parte gráfica que adotou técnicas pouco conhecidas no país, especialmente a rotogravura, processo onde a imagem ficava em baixo relevo, e no jornalismo implementou a reportagem.

Segundo Serpa (2003), a revista “O Cruzeiro”, durante nos seus mais de 40 anos de publicação tiveram tiragens que eram surpreendentes para o Brasil de outrora,

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

750.00017 exemplares por edição semanal em meados da década de 1950, época em que a população brasileira não ultrapassava os 50 milhões de habitantes. Sendo “O cruzeiro” a revista que divulgou as mulheres brasileiras das camadas mais privilegiadas da sociedade, priorizando temas como comportamento, moda, política. Financiada por Getúlio Vargas, quando ainda Ministro da Fazenda do governo de Washington Luiz, com pretensões de construir a imagem do Brasil como um país moderno. A revista fazia a propaganda de uma modernidade nacional imposta, apoiada claramente por Vargas, que logo se tornaria presidente e se utilizaria intensamente da propaganda. Portanto, a revista contribuiu para a afirmação da política modernista e nacionalista de Getúlio Vargas.

Para a autora, “O cruzeiro” usou toda essa técnica a serviço da construção da “nova mulher”, pois mostrava imagens relacionadas às mudanças de um país...

[...] que despia suas mulheres das saias longas e as urbanizava com biquínis, *blush* e pó-de-arroz, ou seja, que buscava moldar o comportamento feminino com novas formas de vestir e de se mostrar para a sociedade. Essa imagem que incluía a utilização da maquiagem e de produtos femininos de beleza como símbolo de moderno e novo ilustravam as capas desde a primeira edição. Apresentava-se, então, não apenas a primeira revista moderna do país, mas um novo meio de retratar o universo feminino<sup>2</sup>

Porém, Serpa também coloca que embora a revista se afirmasse como “moderna” e construtora da “nova mulher”, não mostrou sequer a posição feminina acerca do voto, nos anos 30, que gerou polêmicas, no período, deixando transparecer seu posicionamento, quanto ao papel das mulheres, pelo qual elas seriam incapazes de lidar com questões políticas, devendo se dedicar somente à maternidade; aos cuidados da casa, do esposo e do embelezamento, pois não haveria como conciliar tantas coisas com a política. A revista “O cruzeiro” teria dessa forma, discursos ambíguos, quando se tratava das representações que faziam acerca do feminino, que ora deveria seguir a modernidade, ora seguir a tradição em seus comportamentos. E sua ambiguidade discursiva irá perpassar toda trajetória de exemplares produzidos, ao longo do século XX, como veremos nas colunas femininas aqui analisadas.

Suas colunas tinham como objetivo aconselhar ou prescrever para as mulheres o desenvolvimento dos chamados “dotes ou dons femininos”, entendidos enquanto algo natural, inerente a elas. Geralmente, essas colunas enfatizavam para suas leitoras atributos como o de ser mãe, esposa, dona-de-casa, definindo-as por características como a pureza, doçura, resignação, tudo isso somado a uma vida mais reservada ao privado, a casa e ao lar. Essas identidades construídas seriam ideal socialmente para as mulheres. Por outro lado, para os homens, atribuía-se o espírito aventureiro, o trabalho fora de casa, a vida pública e todas as características que lhe seguiam, como a boemia, as farras, os namoros e as relações fora do casamento.

Nessas colunas, era visível a intenção de suas articulistas em educar as leitoras, preparando-as para o bem casar-se, cuidar de um lar, dos filhos, do esposo, enfim, ter

<sup>2</sup> SERPA, 2003, p. 12.

todos os atributos ditos característicos das mulheres. As colunas voltadas para o público feminino tinham como objetivo tirar dúvidas sobre o comportamento das mulheres em seus relacionamentos com os homens, e em relação às atitudes ideais acerca de situações como namoro, casamento, família, filhos, entre outras questões.

Assim, a partir dos conselhos e ensinamentos acerca das maneiras de mulheres e homens se comportarem diante de suas relações, configuravam-se construções sociais e culturais das relações de gênero. Tais discursos, enfatizando os valores morais e os bons costumes para as moças fizeram parte de uma rede de enunciados que tinham a intenção de orientar as condutas femininas, construindo modelos, dentre os quais o de que para as moças era necessário “[...] o casamento feliz coroado pela maternidade e um lar impecável” (BASSANEZI, 2012, p. 481).

Este trabalho de “orientação educacional” da revista funcionava para produzir modelos de comportamento e fazer desenhos das relações de gênero. Neste sentido, a prescrição deveria fazer funcionar as práticas de subjetivação nos sujeitos consumidores das revistas que as faziam disseminar no social.

## CONSTRUINDO “MOÇAS CASADOURAS” NOS ANOS 50 E 60

Bassanezi (2010), afirma que se chamavam “moças casadouras” nos anos 50 e 60 o tipo de moça ideal para se casar, ou seja, as “moças de família”, que estavam na idade entendida como certa para se casar, com no máximo vinte anos. Mulheres que foram construídas dentro padrões de comportamento feminino compatíveis com as exigências sociais dos anos de 1950 e 60, período em que ainda esperava-se das mulheres determinados comportamentos, dentre eles o da “moça de família”. E para ser considerada uma “moça de família”, ela deveria se portar corretamente, para não ficar mal falada, tendo gestos contidos, respeitando seus pais, se preparando adequadamente para casar-se e conservando sua inocência sexual, não tendo intimidade física com os rapazes (BASSANEZI, 2010, p.610).

Embora nos anos 50 e 60, no Brasil, estivesse acontecendo uma série de transformações proporcionadas dentre outras coisas pelo desenvolvimento econômico, trazendo um processo de crescimento urbano, industrial, aumento de possibilidades no campo de trabalho e também escolar para a população em geral como da feminina, as discriminações de gênero eram manifestadas com intensidade, sendo um exemplo disso, a questão do trabalho feminino que continuava sendo considerado inferior ao trabalho masculino (BASSANEZI, 1993).

Trabalho que era vivenciado e exercido diferentemente pelas mulheres pobres e ricas. Pois, para as pobres trabalhar significava ganhar seu sustento e de seus filhos, era uma necessidade, obrigação para a sobrevivência de seus familiares, enquanto que, para as ricas, que geralmente quando saíam de seus lares para fazer algum trabalho, em sua maioria, significava ajudar aos grupos mais carentes, como a colaboração em causas

beneficentes ou de filantropia, o que para as mulheres das classes altas simbolizava também “nobreza de espírito”<sup>3</sup>.

E para que as mulheres dos Anos Dourados<sup>4</sup> desde jovens pudessem aprender a ser moças bem comportadas, agindo conforme as regras sociais da época, deveriam aprender com os conselhos das suas mães e, além disso, aprender também com os aconselhamentos feitos pelas colunas que dedicavam boa parte de sua escrita para as mulheres, mesmo as já casadas, e para as moças, que pretendiam se casar, portanto, seguir regras de conduta, era necessário. As moças que queriam se preparar para se casar tinham condutas a seguir, sabendo assim como se comportar, mesmo antes do seu casamento. Mas já na década de 50, algumas moças brasileiras pareciam não ter subjetivado as normas que deveriam seguir, por isso, Maria Teresa, a articulista da coluna feminina de “O cruzeiro”, chama a atenção:

Somos de opinião que os pais devem proporcionar às filhas ambiente social. É interessante que desde cedo a moça tenha convívio com outras moças e com vários rapazes. Dêsse jeito dificilmente ela virá a ter problemas sentimentais da natureza do de nossa leitora Aurora Boreal, de São Paulo. Essa moça foi criada sem amigos e sem amigas. Já depois de moça feita, sentiu a falta e quis tê-los. Mas ficou sempre uma desajustada. Diz que hoje tem bastante experiência da vida. Entretanto, faz-nos perguntas dessa natureza: “Até onde são permitidos os carinhos? Deve-se convidar o rapaz para entrar logo em casa? O que devo fazer para prender um rapaz decente? [...]”<sup>5</sup>

Como ressalta a articulista, as filhas deveriam ter boas influências, boas amizades, seguindo as normas e as regras de conduta que as disciplinavam para que fossem futuramente boas donas-de-casa, esposas e mães. E para que elas um dia fossem consideradas boas esposas, a educação recebida desde cedo contribuía bastante. E, em grande medida, a família era responsável por dar boa educação às filhas, principalmente, era uma tarefa que cabia às mães, que muitas vezes agindo juntamente com as escolas domésticas, cursos normais, entre outros meios de educar as moças, tentavam educá-las e conseguir conquistar um casamento e mantê-lo bem durante toda a sua vida, mostrando sua boa educação, seus dotes domésticos, culinários, cuidados com o lar, o esposo e os filhos, sendo também uma mãe exemplar. As publicações periódicas em revistas e jornais voltadas para o público feminino contribuía para a educação das moças, na preparação para a conquista de um bom casamento<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Ver FREIRE, op. cit., p. 54-75.

<sup>4</sup> Os Anos Dourados aconteceram entre as décadas de 1950 e 1960, sendo um período, no qual o Brasil viveu um momento de ascensão da classe média, de crescimento urbano e industrial sem precedentes, ocorridos logo depois da Segunda Guerra Mundial. Nessa época, a representação dominante relativa às mulheres era a da “mulher ideal”, definida a partir dos papéis femininos tradicionais, com ocupações domésticas, o cuidado com o lar, marido e os filhos, características que eram entendidas como fazendo parte da “natureza feminina”. BASSANEZI, 2010, p. 608-609.

<sup>5</sup> “O cruzeiro”, 27 de novembro de 1954.

<sup>6</sup> Além das revistas e jornais, as mães, também foram responsáveis por preparar as moças em mulheres ideais a partir das escolas e cursos por trazerem e introduzirem na vida delas a disciplina e os bons hábitos que fariam parte de suas vidas ao conseguirem seus almejados matrimônios, o que segundo se dizia nos anos 50 “era o sonho de qualquer moça, o casamento”. BASSANEZI, 2010, p. 609.

As temáticas que construíam a imagem da boa moça, a exemplo dos assuntos discutidos pela revista, estavam relacionadas ao casamento, à maternidade, ao lar e à vida doméstica. Havia periódicos que investiam em colunas que poderiam ser voltadas, exclusivamente, para as mulheres, como também havia outras que por não ser, exclusivamente, dedicadas a esse público, poderiam tratar desses temas. Sendo assim, seguir como exemplo tais prescrições, significava dar um passo à frente na conquista dos rapazes: seus futuros esposos. Neste sentido, a produtividade da prescrição da revista funcionava para alertar quais eram os comportamentos de uma “moça direita”, aquela que teria como “prêmio”, o casamento; e aquelas que praticavam comportamentos considerados reprovados socialmente e, portanto, indignas de conquistarem o lugar naturalmente atribuído às mulheres, ao lar e a condição de esposa, mãe e avó.

Quando as moças não seguiam as regras e a disciplina, ao invés de serem vistas como “moças de família”, eram observadas como “moças levianas<sup>7</sup>” e assim não poderiam almejar um bom futuro, conquista considerada de uma mulher bem comportada desde a sua solteirice até o momento em que se tornava uma mulher casada, para isso, era preciso agir conforme o padrão de mulher, cobrada pelas prescrições sociais que circulavam à época.

Como coloca Bassanezi (2010) ao falar sobre as diferenças existentes entre as moças solteiras bem comportadas, e as consideradas “levianas”: “Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de rainha do lar - tudo o que seria negado às levianas (BASSANEZI, 2010, p. 510)”. Nos anos 50, e em boa parte dos anos 60, as revistas femininas, a exemplo da revista “O cruzeiro”, divulgaram esse modelo feminino, o de que uma mulher só seria considerada bem sucedida socialmente se conseguisse a conquista de um bom casamento, já que casar-se simbolizava o único destino reservado a elas e sem esta experiência a mulher tornava-se uma figura frustrada, porque seria, no casamento ela realizaria seu “destino”, que era o de se tornar uma boa esposa, e o de se tornar mãe, “destino” para o qual toda mulher teria nascido, e precisaria cumprir para que pudesse alcançar a felicidade.

Dessa forma, os artefatos dessa época prescreviam regras para as moças que queriam arranjar casamento. E por isso é que na revista “O cruzeiro” do ano de 1954 a articulista Maria Teresa mostra como as moças que se consideram casadouras têm que se comportar com relação aos seus namoros, afirmando:

Tôda moça que tem obrigação de comportar-se bem já por uma questão de dignidade pessoal, respeito próprio, já em satisfação à sociedade. Há muitas moças, entretanto, que acreditam que, ser popular, é ter muitos namorados. E então nem gostam dos rapazes; namoram-nos apenas para fazer cartaz. Hoje é um, amanhã é outro e depois ainda mudarão. Às vezes estão acompanhadas por um, mas já olham para outro como possível candidato. O que acontece é que o

---

<sup>7</sup>“Moças levianas” eram o avesso das moças de família, pois não se comportavam conforme as normas seguidas por essas últimas, não sendo consideradas “moças para casar”, mas somente para servir de diversão para os rapazes. BASSANEZI, 2010, p. 610.

namorado atual, percebendo a leviandade da moça, procura tirar o melhor proveito da situação. O outro que vai namorá-la em seguida, já tendo ouvido dos amigos referência pouco recomendáveis, quando se candidata já é com planos previamente concebidos... e planos que não são bons.<sup>8</sup>

O tema da “leviandade” das moças, enquanto problema a ser superado através dos conselhos dados pelas articulistas das colunas, nas revistas ou jornais dos anos 50 e 60, foi um assunto constante nas colunas reservadas ao público feminino dos anos dourados. Nelas, as moças eram sempre orientadas a agir de maneira adequada a uma moça “bem comportada”, que pretendia conquistar um rapaz para se casar. Essa era a norma mais adotada para uma “moça de família” seguir, a da mulher “séria” que só poderia se relacionar com o rapaz que futuramente se tornaria seu marido, mas sem muitas intimidades no namoro, sem muitos avanços nos carinhos. Esse seria o namoro adequado que a sociedade esperava da moça que pretendia se casar, como foi afirmado pela articulista.

Nesse caso, as moças “namoradeiras” eram vistas com maus olhos, pois o fato de namorar mais de um rapaz as tornava, aos olhos da sociedade, uma “garota fácil”. Para os rapazes, namorar mais de uma moça de uma só vez, era natural, pois segundo os conselhos das articulistas, os rapazes normalmente querem tirar proveito das moças que lhes dão liberdades, ou seja, das levianas, e depois não as querem para casar, preferindo as moças comportadas para constituir família. Eles eram incentivados a ter várias relações sexuais, que não só eram permitidas. Assim, “[...] As levianas eram aquelas com quem os rapazes namoram, mas não casam” (BASSANEZI, 2010, p. 512). O que era colocado pelas articulistas através de seus conselhos, mostrava o efeito do que foi construído pelo discurso médico, no século XIX, acerca do corpo feminino, discurso que reelaborado e atravessado por tantos outros discursos, como o da religião, no século XX, cobrou das mulheres que não usassem seus corpos para outro fim que não fosse o de procriar, usá-lo dessa maneira era ser uma “moça honrada”, já que estaria se resguardando e ao seu corpo, para a maternidade, para o matrimônio. Enquanto que usar o corpo para realizar seus desejos, suas vontades seria coisa de “mulher leviana”.

E geralmente os rapazes ao repudiarem determinadas moças, afirmavam que elas não eram moças sérias para com eles casarem-se. Eles tinham em seu repertório de justificativas a promiscuidade delas, apelidando-as de “garota fácil”, “vassourinha” ou “maçaneta”, sendo essas palavras alusões que indicam que eram moças namoradeiras, que passavam de mão em mão e ainda defloradas.

As moças consideradas “emancipadas”<sup>9</sup>, segundo a revista também eram mal vistas pelos rapazes e assim também repudiadas por eles, por que as emancipadas pareciam perigosas, sendo um tipo de mulher leviana, pois poderiam não se prender a

<sup>8</sup> Revista O cruzeiro, de 04 de dezembro de 1954.

<sup>9</sup> “Moças emancipadas” eram geralmente aquelas que nos anos 50 e 60 já trabalhavam fora do lar, em empregos como os de secretária ou de professora. Como ainda era bastante forte a representação da mulher, enquanto rainha do lar, muitas vezes elas eram consideradas também moças levianas, por não seguirem o padrão feminino, vigente à época... BASSANEZI, 2010, p. 622.

<sup>9</sup> Ver BASSANEZI, op. cit., p. 624.

certas normas de conduta para o feminino, fugindo ao padrão de “moça casadoura” dos anos 50 e 60. Os comportamentos das moças consideradas liberais não eram vistos com bons olhos pela moral social da época, como explica Bassanezi<sup>10</sup>, que pregava para as boas moças, “um bom caminho”, caso mantivessem o modelo de comportamento da moça “casadoura”, bem comportada; teriam pela frente um bom caminho, isso significando um bom casamento, a conquista de um bom marido, um homem que iria respeitá-la, durante toda a vida. E os atributos de uma moça de família era entre outras coisas, o recato, a docilidade, a boa moral, a contenção sexual, a virgindade. Enquanto que a virilidade masculina era medida em relação às várias experiências vividas por eles, através dos estímulos que recebiam desde muito cedo.

Dessa maneira, os códigos morais, presentes nos discursos de artefatos como a revista “O cruzeiro” que circulou pelo Brasil, nos anos 50 e 60. Tiveram o objetivo de construir, para as mulheres da época, o modelo dominante de família, que seguia as regras rígidas para o comportamento feminino e o oposto para o masculino, que tudo podia, numa relação desigual com as mulheres, condenando todas as vivências, que sugeriam a liberdade feminina como no caso de sentir prazer na experiência da sua vida sexual.

A exigência desses códigos morais vigiava os corpos também através da moda, das formas de se vestir, de se comportar. Essa vigilância sobre a moda feminina era uma maneira de disciplinar os corpos e os comportamentos das moças. Porque para elas, a moda era uma forma de evidenciar seus corpos através das roupas, principalmente, nos anos 50 e 60. Pois na década de 50, a revista “O cruzeiro” já mostrava as moças vestidas de biquínis nas praias brasileiras. Os trajes como o biquíni, criado em 1946, popularizado na década de 60; a mini saia, criada em 1965, revolucionou a moda feminina (VIEIRA, 2003). Porém, o biquíni da década de 50 era muito mais comportado que o da década de 60, tanto que no ano de 1969 o Papa Paulo VI alertava sobre a falta de pudor das moças que usavam biquínis, o que um jornalista colocou numa nota no jornal O Estado. Nesse período, o modismo era imitar as estrelas do cinema *hollywoodiano*, onde o corpo das atrizes tornou-se modelos de beleza almejados pelas jovens de todo o mundo. As estrelas de Hollywood<sup>11</sup> faziam “caras e bocas”, usavam maquiagens extravagantes, vestiam roupas decotadas o que não era muito bem visto pela sociedade que pregava valores tradicionais, os quais deveriam ser seguidos pelas moças “bem comportadas” do Brasil.

Uma questão que preocupava as famílias mais tradicionais era que, na década de 60, as mulheres passaram a usar roupas ditas masculinas, como a calça jeans e outras peças não muito aceitas socialmente pelos setores mais conservadores da sociedade a exemplo da mini saia, vestidos curtos e os biquínis, já citados. Por isso, os setores mais tradicionais da sociedade acreditavam que tais roupas usadas pelas mulheres

<sup>10</sup> Idem, p. 610-613.

<sup>11</sup> No período que sucede a Segunda Grande Guerra, o Brasil viveu um período de americanização. As atrizes Grace Kelly e Elizabeth Taylor, com seus vestidos de cintura fina, saias rodadas e anáguas, foram os ícones da época. Os penteados eram fixados com laquê, formando um coque no alto da nuca. As jovens usavam também o “rabo-de-cavalo”, que era os cabelos presos. **Mulheres em revista.** O jornalismo feminino no Brasil. Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro – O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina. Junho de 2002.

colaboravam para que houvesse o desmoronamento dos valores tradicionais referentes às famílias e, principalmente, às mulheres, observadas como responsáveis pela segurança familiar.

Seria também os anos 60 a época em que a moda se expressou de maneira democrática, pois segundo Preto (2010) um grande marco para a moda nesse momento foi ela não ser mais ditada pelos grandes mestres da alta costura, o que anteriormente significava estar desatualizada, dando então uma certa liberdade nos modos de vestir das pessoas e, no caso, das mulheres. Essa mudança se deve ao fato de, além de voltada para a camada média da sociedade, a moda passar a ser para os jovens, o grupo no qual as indústrias passaram a investir.

Preto afirma que com o surgimento da adolescência, essa nova faixa etária, que não é mais criança nem adulto, “[...] traz idéias mais emancipadas e contestadoras do que em épocas anteriores. O adolescente rejeitava a estrutura de vida dos pais e era contra a sociedade de consumo iniciada na década anterior. O novo pensamento jovem é mudar o mundo. A moda, agora mais ligada ao jovem, ficou mais dinâmica e democrática e a alta costura entrou em declínio, em função do seu alto custo e a diminuição da clientela. Além disso, a indústria têxtil desenvolveu máquinas mais sofisticadas para aperfeiçoar a produção, o que exigiu dos estilistas uma adequação à nova moda. Assim, as roupas passaram a ser produzidas em série, favorecendo o desenvolvimento do *prêt-à-porter*, ou “pronto para usar, vestir”, que “coincide com a emergência de uma sociedade cada vez mais voltada para o presente, euforizada pelo novo e pelo consumo”.

Os novos modos de se vestir na década de 60 foram na perspectiva de Vieira, alvo das redes de telecomunicações que no rádio e na recém chegada TV, fizeram parte do cotidiano de muitas famílias. A moda partia de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro para outros recantos do Brasil.

Todas essas transformações nos corpos e nas maneiras de se vestir passaram a assustar, pois as mulheres estavam se masculinizando, usando calças, provocando os homens através de seus corpos vestidos nas mini saias, nos biquínis, indo contra o que a sociedade exigia para as moças ditas “de família”, por isso para que elas não fugissem ao padrão moral da sociedade é que as revistas enfatizavam de todas as formas a maneira correta de as moças se comportarem junto aos rapazes, contendo os namoros e mantendo-se distante das “modas provocativas”, para que elas não ficassem mal faladas:

Nem sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela. Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela. [...] chamar a atenção dos rapazes (com gestos estudados e sensuais) é depreciativo para a moça.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Revista O cruzeiro, 24 de maio de 1958.

Na prescrição acima, identificada na revista, a normatização da “mulher direita”, ocorria pela sua seriedade na relação com o rapaz. Neste sentido, ser popular, usar determinadas modas provocantes, ou usar gestos sensuais, estaria a mulher, nessa relação de gênero, sendo vulgar, o que seria depreciativo para sua identidade e provocaria a falta de respeito por parte do homem. Esta leitura da revista está associada à ideia de que a mulher para casar-se deveria preservar sua identidade como honrada, “mulher direita”, ou seja, o comportamento da mulher é quem definiria sua identidade na relação com o masculino. Logo, a prescrição da revista foi no sentido de produzir subjetividades pelo processo de normatização do que é ser “mulher direita” e que merece “chegar a ser dona do lar”.

A partir do discurso produzido pela revista, identifica-se como a vida de determinada moça deveria ser bem estudada, caso contrário, o rapaz poderia se decepcionar bastante, futuramente, com sua esposa, que segundo a rigidez das regras da época, afirmada pela revista, sugeria que a moça que tinha tido muitos namorados, conhecido muitos rapazes, não teria condições, quando se tornasse esposa, de manter-se conforme as regras exigidas pelos padrões sociais para as mulheres compromissadas, o de manter a ordem da casa, ser uma esposa exemplar, uma mãe dedicada, enfim, uma “senhora de respeito quando fosse dona do seu lar”.

Por isso, algumas colunas escritas para as moças, a exemplo da revista “O cruzeiro” prescrevia um pouco de liberdade, mas uma “liberdade controlada”, porque liberdade demais poderia ser perigoso para o futuro da moça, que poderia não conseguir conquistar um bom pretendente, se tivesse uma vida muito liberta, e era nesse sentido que na revista “O cruzeiro de Fevereiro de 1956”, Maria Teresa alertava sobre esse assunto, dizendo:

Nem será interessante que lhe permitam completa liberdade, para que se distraía, nem que a prendam dentro de casa – para que não seja como “as outras”. (...) Muito bem que não lhe concedam excesso de liberdade: mas ao menos que lhe dêem liberdade relativa, que a assistam, que lhe proporcionem ambiente alegre, que a acompanhem a lugares onde possa conviver com rapazes porque é no meio de gente nova, da sua idade, que a moça se sente feliz. É nesse ambiente que ela poderá escolher prazerosamente, sem quaisquer constrangimentos, o rapaz com quem casará – por amor, e não apenas para fugir de restrições em que foi criada como acontece, tantas vezes.<sup>13</sup>

As moças consideradas “levianas”, pelo discurso da revista, nos anos 50 e em boa parte dos 60, dificilmente seriam levadas a sério para manter relacionamentos estáveis, como namoro, noivado e casamento. Logo, uma moça “séria” não poderia ter muita liberdade, mas uma liberdade “vigiada”, o tipo de liberdade que proporcionaria para elas conhecer o rapaz que a levaria ao altar, muita liberdade poderia torná-la uma moça “mal falada”, o que não seria bom para sua reputação de “moça de família”. Por isso, as famílias das moças, diga-se as mães principalmente, tinham o grande dever de conduzi-las a “bom caminho”, preservando sua reputação, sua moral e dignidade, o que

<sup>13</sup> Revista O cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956.

significa dizer ordenar seus hábitos e costumes, as roupas, os passeios, enfim, regando sempre suas “liberdades”.

Quando as moças seguiam o modelo “comportado”, previsto para elas, poderiam alcançar o sonho de muitas delas naquela época: o casamento. Geralmente eram os rapazes que escolhiam as moças com as quais queriam casar “[...] e, com certeza, procuravam para esposa uma pessoa com recato, docilidade, pureza, que não lhes trouxesse problemas – especialmente contestando o poder masculino – e que se enquadrasse perfeitamente aos padrões da boa moral” (BASSANEZI, 2010, 512-513). Por isso é que as mães das moças temiam pelas filhas, para que elas não “caíssem na boca do povo”, terminando sem conseguir um bom casamento e assim ficassem sem um marido para dar-lhes estabilidade de sentimentos e também financeira. Nisso era o que acreditavam muitas moças solteiras e suas famílias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu, nº 1, 1993.

\_\_\_\_\_. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

BLUMBERG, Natália Simanke. **Da mulher para a mulher: o papel feminino na revista O cruzeiro**. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social-Jornalismo. Universidade Feevale, Novo Hamburgo 115 pgs. 2013.

FREIRE, Marta de Luna. **Mulheres, mães e médicos**. Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de Doutorado em História das ciências e da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 336 pgs.

**Mulheres em revista**. O jornalismo feminino no Brasil. Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro – O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina. Junho de 2002.

PRETO, Luiza Cechinel. **Moda brasileira nos anos 60: Alceu Penna e a revista O cruzeiro**. Monografia de conclusão do curso em Design de Moda e Tecnologia pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo. 72 p. 2010.

SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)** – Dissertação (mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.

VIEIRA, Rejane Esther. **Desnudamento feminino como transformação nos costumes e na moda (1960-1970)**. Monografia de conclusão de curso em História. UFSC, Santa Catarina. 2003.